

# Setúbal

**O** tribunal de há dias nunca mais me esquece. Havia já razões para não me impressionar assim, mas eu não sei se alguma vez, deixarei de estremecer quando vir jorrar alegria das fontes donde nasceu profundo e duradouro sofrimento.

Artur José (o Papagaio) foi eleito chefe, numa das noites passadas, em reunião magna dos maiores. A assembleia foi prolongada! Até às tantas da manhã! Examinou-se a situação presente com todos os males de que enferma e acharam-se soluções para todos os problemas. Os rapazes são assim. Quando querem são capazes de tudo! Nada lhes mete medo! Foi uma reunião cheia de simplicidade, de espontaneidade, de franqueza e lealdade.

Foi deposto o Chefe maior e escolhido outro. É sempre difícil tomar o comando em situações de emergência. As dificuldades são muitas. Estão à vista. O Artur aceita e declara-se decidido «a endireitar isto».

Que Deus lhe conserve e aumente a vontade para bem de todos nós.

Se o Artur quiser é capaz. Ele que é capaz do mal, melhor ainda é do bem.

Foi no fim do jantar. Era lusco-fusco. O novo chefe levanta-se, pede licença e faz tribunal.

Réu era o Amândio. Eu não digo o apelido dele que parece mal. Amândio tem toda a escola que a rua dá, mais a podridão que lhe vem do sangue. É filho de meretriz. O pai foi um qualquer. Não tem ninguém. Andava pela Moita!... Conhece bem o tribunal e melhor ainda o calhabouço! Aqui há tempos fugiu, vagueou perto de dois meses e voltou. São nele tão evidentes as feridas do desamparo!...

Papagaio chama-o ao meio do refeitório. Os rapazes sentados nos seus lugares da sala olham com interesse todos os movimentos e atendem a to-

das as frases. Estavam os dois um em frente do outro. Eu, de lado, contemplava a cena em todas as dimensões e chorava interiormente, de alegria.

O Juiz tem uma história parecidíssima com a do réu e o assunto por que ele era chamado a contas, foi o mesmo por que o Juiz fora réu no seu tempo: — A escola.

Tantos deles com horror à escola! Nós temos duas e o Amândio não quer nenhuma.

Papagaio interroga: — Porque fugiste à escola? Porque me mentiste? Porque mentiste à Senhora Professora? Porque foste dormir para o esconderijo na hora do trabalho?

Eu guardo uma declaração escrita do inquiridor em que me afirmava quando na 3.ª classe — «eu não quero mais pôr o pé na escola». — Hoje

Continua na página 2

## CALVARIA RIO

Com que simplicidade Cristo venceu as leis físicas e penetrou os Céus na Sua Ascensão! Por virtude própria elevou-se da Terra aos olhos extasiados dos discípulos! Não houve comentários científicos, mas somente testemunhos de vidas imoladas.

A Ciência, esquecendo Cristo, ufana-se, hoje, de seus feitos! Mas Cristo foi, é e será sempre o Senhor dos Tempos. E, ainda com o mesma simplicidade com que sustentava as aves e engalana os lírios, mantém aqui os seus filhos doentes de que o mundo não toma conta. A experiência humana emudece em face de ex-

Padre Baptista

periências arriscadas a seus olhos. Mas, pelo mundo fora, quantos testemunhos fantásticos desta ousadia divina! O Cottolengo em Turim é o maior. Que testemunho! Trata-se de pequena cidade de 8.000 doentes mantidos exclusivamente pela Mão do Senhor! A Ela profia também o Cardeal Léger em entregar todos os abandonados da sua diocese. Nós espantamo-nos de que o Senhor seja atrevido! Que conceito tão pequenino fazemos da divindade!

Esteve entre nós o Senhor Dr. Henrique Martins de Carvalho. Gostei muito desta presença amiga. Mas, muito mais que percorresse todos os recantos do Calvário; e, sobretudo se interessasse do nosso viver e de QUEM tem erguido as construções e alimentado os doentes. Vai em oito anos que meia centena de operários diariamente abrem caboucos, levantam paredes, e esmeram os acabamentos das moradias destinadas aos doentes. E destes são dezenas os que as habitam ou nelas se abrigaram já.

Sua Ex.cia partiu radiante. Prometeu e vai colaborar. E é já tão bom que o Senhor permita que colaboremos com Ele! Que felizes podemos considerarnos quando o Senhor deseja que Lhe demos a mão e nós a damos conscientemente!

Fundador: PADRE AMÉRICO  
ANO XVIII — N.º 450 — Preço 1\$00



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção e Administração  
Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Director e Editor

Propriedade da Obra da Rua

PADRE CARLOS

Composto e Impresso  
Nas Escolas Gráficas da  
CASA DO GAIATO

## PATRIMONIO DOS POBRES



**F**

oi num dos últimos domingos em Vila Boim. Dia de calor quente naquela terra quente do nosso Alentejo. O entusiasmo daquela boa gente era ainda mais escaldante do que a temperatura atmosférica daquele dia.

Celebravam o sétimo centenário da fundação da Vila. O número especial e o maior da festa foi a inauguração de catorze casas do Património dos Pobres. Estava toda a gente. A alegria via-se estampada no rosto de cada um. Aquele conjunto de casas é o resultado do esforço comum. Os proprietários deram, os operários deram também e até os pobres quiseram colaborar. Vão fazer mais casas. Tantas... quantas as necessárias, foi o número que lhes deixámos.

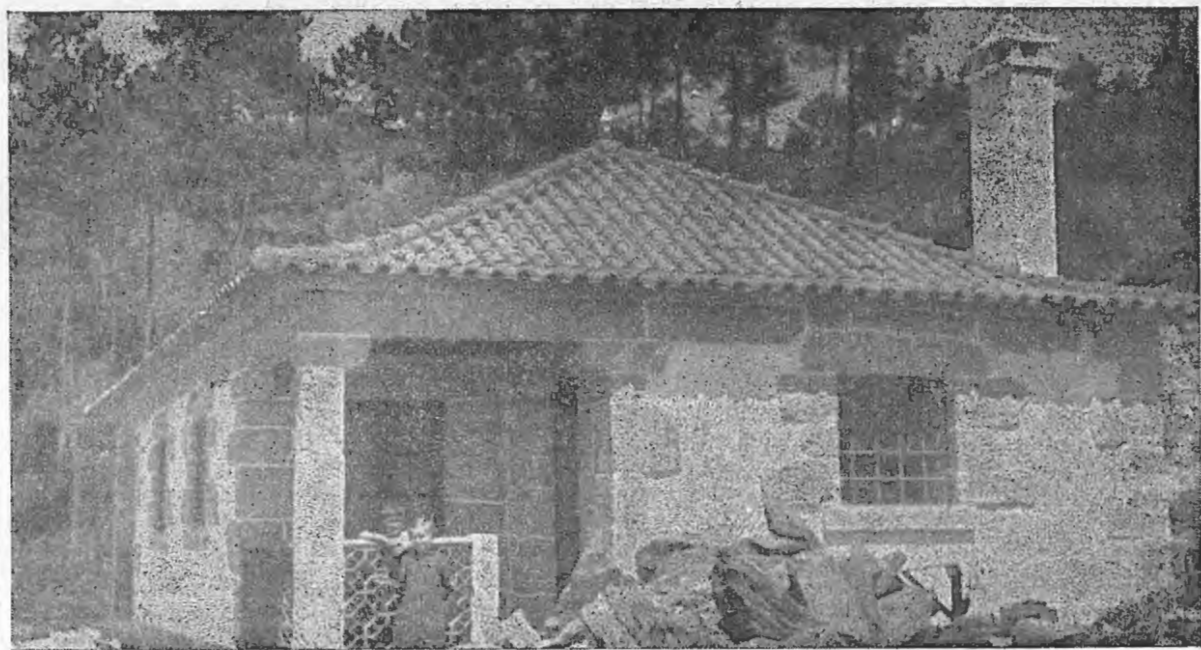
Houve sessão solene. Estava o representante do Prelado da Diocese. Estava o do Chefe do Distrito. Estavam o Presidente da Câmara e mais autoridades. Todos os que tiveram de falar perguntaram

admirados como foi possível a construção daquele bairro. Aos homens que têm fé a resposta está patente. É obra de Deus. As obras de Deus são assim. Começam e andam sem darmos por isso. O homem é impellido por uma força interior que não sente. Vai. Vai por seu pé, para que o seu ir seja meritório. A vida do Património só tem explicação à luz desta mesma fé. Obras de Deus, feitas pelos homens. Em Vila Boim o Património dos Pobres encontrou almas apaixonadas, entre as quais a do Dr. Rovisco Pais. Deus os ajude, porque a benção dos Pobres já eu vi cair sobre eles, naquele dia.

Na passagem por outra vila alentejana o Pároco quis que eu fosse ver doze casas que já tem.

Continua na página 2

## DOCTRINA



Vamos entregar outra casa a duas famílias pobres.

Levados pela Caridade de Cristo trabalhámos mais um ano para minorar a sorte de não sei quantos infelizes.

Se em mim tivesse nascido este amor de Cristo pelos pobres no ano em que vim para aqui... eu já teria casas para trinta famílias de necessitados.

Eu não sei como se possam começar moradias que nos ficam em mais de trinta e cinco contos cada, sem ter um centavo, e se chegue ao fim sem dever um real a ninguém.

Vamos entregá-la no fim do mês sem festas, sem discursos, sem palmas e vivas a ninguém mas como dádiva do Imaculado Coração de Maria aos corações esmagados dos que para lá entrarem.

E logo depois, com a mesma herança do Céu e a mesma pobreza da Terra vamos começar outra.

(Carta de um Pároco)

# Campanha de Assinaturas O que nos dão no Tojal

PORTO/LISBOA — Eu soube que Lisboa ferveu em cachão no Império. «Um segundo Coliseu!», disse-me o Tutoria. Fiquei contente. Contentíssimo. É mais uma prova real de como a Obra da Rua permanece bem viva no coração dos lisboetas. Mas eu estava a contar que, depois da festa, o entusiasmo pela Campanha redobrar-se-ia no seio da capital. Enganei-me! Lisboa adormeceu, esta quinzena, com toda a força. Porém a Invicta, talvez à espreita do deslize, apresentou-se embaixada em arco, de mãos a abarrotar. E, no meio da multidão, uma tripeira que traz sempre a alma fervente de amor pela nossa Obra, acentua: «Breve tem de me mandar mais listas da Campanha

de Assinaturas pois as que me mandou já estão no fim». Seguiram logo. Não há tempo de perder tempo!

Tenho pena do sono dos lisboetas que, decerto, vão ouvir meu brado. Pois que reajam. E saibam que o Porto levanta-se sem a gente dar fé. É assim o Porto, o nosso Porto, onde a Obra da Rua ganhou suas esporas de ouro.

DO MINHO AO ALGARVE: — Não sei por onde começar e tão emocionado que nem sei que hei-de dizer. Ele um monte de cartas, ele um monte de assinaturas. Campanha viva! Tão viva que não arrefece.

Vamos botar os olhos pelo mapa e começar de norte pró sul.

Bragança não tem faltado.

E cá está hoje, novamente, pela mão de uma assinante mui entusiasta:

«Junto a esta envio uma lista com mais 3 assinantes e sempre que possível enviarei outras. Há muita gente que não é assinante só porque não quer. Não suporto desculpas que apresentam: — uns por ignorância, outros por avareza. Neste capítulo, grande número!... «O Gaiato» é que devia ter a primazia. Só ele encerra doutrina com o som a clarim da Eternidade».

Depois temos Chaves e Caminha. E torna, Vila Real, uma presença conhecida:

«Aí lhe mando mais um assinante com o pagamento adiantado. Já que pela minha condição de pobre religiosa me não é possível poder auxiliar, materialmente, as vossas tão simpáticas Obras, tenho ao menos a grande satisfação de trabalhar para que se mantenham as 25 assinaturas anuais aumentadas agora por 2 efectivos que são de palavra. Isto me satisfaz».

E desabafa. «Um desabafo do meu zelo de propaganda», acentua. É uma chega. Uma chegazinha à indolência dos nossos vendedores do Famoso. Senhor Padre Manuel muito tem prêgado e revolucionado os quadros da Venda. Porém, eu não desanimei ainda. Há-de vir o dia—tem de aparecer! — em que todos e cada um saibam corresponder à obrigação — santa obrigação! — que lhes compete. A oportuníssima carta desta Religiosa até foi lida e serviu de tema na reunião da malta da Venda.

E a procissão continua! Mais Espinho e Santa Maria de Lamas que manda uma lista recheada com 10 deles e esta nota simpática: «Peço desculpa e que me perdoe, pela demora pois tenho de confessar que me tinha esquecido de enviar a lista». Ó formoso desabafo! Isto só no Gaiato e pelo Gaiato.

A seguir, Matozinhos: «Sabe, é um pouco difícil conseguir que assinem, mesmo tratando-se do Famoso! Mas «como água mole em pedra dura, tanto dá até que fura» lá vai mais um assinante (de Fiães) e espero que este, por sua vez, faça Campanha. É questão de começar».

Muito bem!

Continuando a viagem de norte pró sul temos, agora, Cacia e Santiago de Besteiros e Minas da Panasqueira e Zebreira, mais Oledo, que diz:

«Estas duas assinaturas são certas e vão mais nomes de pessoas a fim de colaborar na Campanha de Assinaturas, pois algumas delas não deixarão de o assinar logo que conheçam a sua óptima doutrina que é a de Cristo. Eu tenho feito muita propaganda do melhor jornal do Mundo!»

Quem dera que os prováveis assinantes oiçam a sua voz e aceitem «o melhor Jornal do mundo!». Seriam mais 8 a engrossar fileiras.

Por fim, «presente o Amigo

A angústia daquela Mãe de Monsanto despertou generosidade em muitos leitores. De tal modo, que chegou a outras mães em circunstâncias idênticas. E há por lá tantas... De Vila Moreira um embrulho. De Belém um enxoval completo. «Olha, homem que coisas lindas» — dizia a pobre mãe! De Ordins um chaile pedido de Lisboa; e o Senhor Padre Aires morto que peça mais. «De uma avó de 8 netos um enxovalzinho para entregar a qualquer dessas heróicas mães que não se negam a criar os filhos que Deus lhes manda».

Visitantes da nossa casa com dez e 85 entregues ao Rui pequeno. Duas prestações da Beira para a nossa Tipografia. Para o Património 600 e várias prestações da «Senhora do pão». E de uma Lurdes 21\$20. Na Caixa do Correio do Lar 300 e mais cem e 200 concerteza da mesma procedência. Assinante com 400. De E. Rodrigues a cota de cem. E outra de igual. Para Missas 50\$. Mais uma colecção de livros de história. Móvel de quarto (não tínhamos nada que prestasse) e uma caixa de garrafas de vinho do Porto, para a nossa Páscoa. Uma bilha de azeite. Um caixote de loiça Vista Alegre. Que bela vista faz agora aqui! Mais da Senhora Dinamarquesa que nos deu as chuteiras, um cacho enorme de bananas. De um mealheiro na Parceria, dez. Assinante com cem e 500\$. E agora as Alunas da Escola Josefa de Obidos, sempre preocupadas em encher-nos a casa. Ele cobertores, borras e a tradicional bola, mais o saco do arroz e ainda 484\$. Bem hajam Alunas e Professoras.

A um vendedor, de alguém que conseguiu emprego, 50\$.

9330 que mais uma vez continua». Traz gente de Chamusca, Mira Daire e Vila do Paço. Que fôlego e que devoção! Este Amigo honra a classe dos Caixeiros Viajantes.

ULTRAMAR — Angola marca presença, com gente fresca do Lobito e Cuma, que agradece «preces a implorar paz para esta nossa querida Angola». Note: Todos os dias, na nossa capela, lembramos os portugueses de Angola, vítimas das bárbaras consequências do terrorismo.

Ainda agora, Avelino entra no escritório e traz uma carta de Padre Alberto Lopes, de Salazar. Nós estivemos na sua Missão, durante a nossa passagem por aquela terra, onde fomos tão bem recebidos. Diz que faleceu em S. Salvador do Congo a nossa assinante 3205 «juntamente com seu marido e uma encantadora filha de 4 anos, todos vítimas do terrorismo». Ó quadro negro! Paz às suas almas.

Moçambique comparece em cheio. Senhor Padre Niza, de Nampula, manda uma lista com 19 assinantes. E, por isso, cada vez gosto mais de Nampula.

Júlio Mendes

Pessoal da Mobil prestações de 2.434\$, 1.230\$ e 2.363\$. Não torno a dizer que se têm esquecido! Não, que um senhor deu-me uma chega... muito grande. O que aqui vai de persistência e amor a esta Casa desde a primeira hora, não tem limites nem comparação. Só a Mobil. Mais 50\$ para no dia 26, dar como entender. Oculos para os nossos, de Gil Oculista. Quem não vê bem, faça favor de aproveitar como nós, os amigos. Mais uma furgoneta de coisas de Amadora. E um motor de rega oferecido por um senhor Capitão. Que jeito nos vai fazer, agora!

No Montepio, roupas brancas, meias, remédios, e coisas para Belém e Calvário, que, quando é possível, para lá mandamos. Três agasalhos para três gaiatos duma amiga de Moscavide. Alguém que por muito nos amar até na hora da doença não descansa nem retira o pensamento dos Gaiatos. Mais de T. Teixeira oito camisolas muito bonitas. Mais duas para o mais pequenino. Como agora são dois caiu muito bem nma para cada. Mais camisolas feitas em Ordins e postas às nossas ordens no Montepio. Já assim foi com os chales. De E. Rodrigues, outra cota e duas visitantes com 250\$. De um casal que veio «purificar-se», 20\$. Não há dúvida que o amor ao próximo, como deve ser vivido seria a melhor expurgação de tanto excesso e desvario. Mas o amor próprio é mais forte por ser instintivo. E daí o desequilíbrio, porque os instintos não estão moderados por causa da «primeira queda». De um engenheiro amigo cem e mais visitantes com vinte e o mesmo da Sabacheira. De Benguela, Caixa Postal 51, cem. Uma filha amiga para o Lar 500 e outro tanto para o Calvário e Belém. De uma pecadora que tem um amor imenso aos Gaiatos, a pedir uma prece pelo filho que, como muitos, labuta em Angola e tão exposto anda à imensa maldade do mundo. Mais 500\$ em carta não registrada a pedir as melhoras de seus doentes. Mais igual do Sr. Ferreira e as tradicionais e deliciosas amêndoas às três da tarde de Sexta-feira Santa. Do Casal Amável mil. E mais visitantes no dia de Páscoa com 100, 50, 5 e 500. Uma secretária, cômoda, grafonola, de Benfica. E muitos discos da Sassetti. Veio tudo na mesma altura. Não sei, mas daqui a pouco tempo estão gastos de tanto tocar. Da Senhora da Farmácia Saraiva de Loures, roupa nova e cem. Um motorista de taxi à porta da Igreja do Campo Grande, 20. De Amadora, de outra vez mas do mesmo lado, mais coisas e uma baraca de campanha que este ano vai servir na Ericeira por os nossos barracões não aguentarem mais invernos. Não fossem tão grandes necessidades desta Casa e já ali andaríamos a levantar um casita para os meses de verão. Ainda há dias o médico recomendou: «Iodo, mande-os para a praia». Mas como?

Padre José Maria

## PATRIMONIO DOS POBRES

Continuação da primeira página

Também elas são o fruto da generosidade da sua gente. Quis que subisse a uma antiga ermida dedicada a Nossa Senhora, hoje completamente em ruínas e ao serviço de uma pobre mulher com um filho tuberculoso. Juntamente com estes dois seres humanos vive um macho, seu companheiro de vida. Triste. A cama do animal é junto da dos donos. O Sr. Prior disse-me que já tem uma casa para aquela família e a seguir vai adaptar aquele antigo santuário a duas casas de habitação de pobres e no arco da porta princi-

pal deixa um nicho dedicado à Celeste Padroeira, Nossa Mãe.

Achámos feliz a ideia. Qual será o caminho de reconduzirmos o povo do Alentejo à sua antiga vida cristã marcada em tantas ermidas e santuários? Talvez seja este de abrigarmos e matarmos a fome aos corpos dos seus pobres nos lugares onde os seus antepassados iam buscar o alimento das almas. É este um modo de santificarmos os santuários, pois as casas do Património dos Pobres não podem ser outra coisa senão Santuários de almas.

Fomos a Ançã assistir à entrega da primeira casa. Julgávamos que eram mais e apareceu só uma. E esta dada por uma família que vive na freguesia.

Estamos certos que o povo desta vila de Ançã, de tão boas e antigas tradições, se unirá e irá dar casas aos seus Pobres.

Passámos em Paço de Arcos e vimos as suas casas quase prontas. Informaram-nos do custo das mesmas. A comissão já lhe custa pedir mais. Animámo-los a mais um último esforço. Quem já deu vai tornar a dar e a obra há-de ir ao fim. Assim cremos.

Em Oeiras encontrámos uma nova modalidade. O terreno oferecido generosamente tinha que ser ocupado em tempo determinado. Os Pobres encorajaram-se e, por seus próprios meios e pedindo o auxílio dos amigos, têm levantado suas casas. O Património paroquial vai ajudando na medida do possível e é assim que ao lado das que o Património já havia construído, cerca de trinta casas se levantaram naquele terreno.

O que é o trabalho de mãos dadas! Os prodígios e as obras de justiça que os homens podiam fazer!

Padre Horácio

## SETUBAL

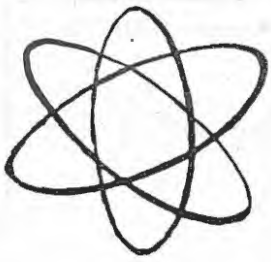
Continuação da primeira página

que a escola acabou para ele com todos os exames feitos, as ideias são bem diferentes. Por isso aquele tribunal foi luz, e, orientado com amor, trouxe-me imensa alegria.

O chefe, tomada a palavra com a autoridade que a sua posição lhe confere, faz a apologia da escola. Ele o revoltado de outrora!... Onde, ó mundo, tu viste maravilha igual? Põe a verdade no devido lugar, ele o amigo da verdade desde sempre, mas nem sempre do lugar dela. Elogia a Professora, ele que se levantara contra ela. Chama o trabalho à baila como remédio dos males que nos afligem e caminho de honra e personalidade. Por isso eu estava a tremer e no escondimento interior que só Deus conhece dizia-lhe baixinho: — Eu sou indigno, Senhor, de viver horas tão cheias!...

Padre Acílio





# FACETAS DE UMA VIDA

## Auto-Construção

Meu caro S.,  
FINAL de contas não me foi possível ir a Lisboa para responder adequadamente à sua expansiva e interessante carta; coisas práticas, visão clara da sua parte, mas algo a discutir, o que neste momento me não é possível fazer. No próximo ano, então já Sacerdote, havemos de falar. O sacerdote pode e deve seguir o curso e as exigências do progresso na vida das civilizações, mas nunca fugir da política do «P.e Nosso», i. é., nunca fugir do Evangelho, que é doutrina actualíssima em todos os tempos. Se nós pregamos o Evangelho *vivendo-o*, somos na verdade sacerdotes «up to date» e é justamente por isso que eu, fazendo o que vou fazer no próximo mês e que v. chamará por certo um gesto «out of date», sou pelo contrário um Sacerdote que vivo e prego a doutrina «velha» de 20 séculos de existência, mas genuinamente «up to date». Remeto, só para Si, a norma dos votos de Pobreza, e Obediência, que vou jurar nas mãos do meu Prelado, no dia em que recebo as primeiras Ordens Sacras.

É muito possível, ou até quase certo, que fico cá por fora. Não sabia que possuía em alto grau o dom de convencer quando falo em público, pela verdade e pela simplicidade, que não por argumentos, e os meus Superiores pedem-me para ficar a servir a Diocese.

E a minha maior glória deste dom de que falo e ainda do outro muito maior, o de não querer possuir nada, a minha maior glória, S., é não ter nada de que me gloriar; pois tudo isto *reconheço, sinto, sei absolutamente* que são favores que Deus concede *gratuitamente* a este pobrezinho que nada, nada, nada merecia.

Importante. Hei-de mandar a seu tempo uma carta oficial para a Casa, afim de transferir para uma conta em nome do Bispo desta Diocese L 180 do meu pecúlio, ficando esta importância ali na casa dos mesmos 5%, podendo ser, pois esta quantia é para pobres — e o saldo da minha conta, que pouco mais é, mandar para mim um cheque sobre o Minho ou Ultramarino daqui, em escudos; isto, já se vê, só depois de 31 de Dezembro.

# Belém

Continuação da quarta página

— Olhe! Se quer venha cá passar uns dias para conversarmos com mais vagar.



Voltemos agora à nossa última visita.

Que diferentes as circunstâncias, repito.

O facto de me ter tornado Mãe de um ranchinho de pequenitas, irmãs dos gaiatos — algumas pelo sangue e todas pela condição social — faz com que eu deixasse de ser uma estranha ou mesmo simples visita, em qualquer Casa do Gaiato. Eu sinto, eles sentem e as pequenas também sentem os laços de parentesco que, por serem espirituais, não são menos fortes e operosos. Por isso não há, de parte a parte, cerimónias ou acanhamentos, mas sim uma simplicidade de trato e solicitude pelo bem estar de cada um que só pode conseguir-se num ambiente verdadeiramente familiar.

A actual Professora das Belenitas acompanhou-nos a Paço de Sousa. Uma das coisas que mais a impressionou foi a simplicidade e carinho com que todos nos trataram. Eu consolo-me — dizia ela — de ver como os Gaiatos, a começar pelos já homens feitos, tratam com a Senhora. É como se fosse conhecida e boa Amiga de há muitos anos.

Porém, pouco têm convivido e, na maior parte dos casos, é a primeira vez que se vêem. Não há que ver! Isto é uma grande Família onde todos se compreendem e estimam.

Foi a força do mesmo ideal que nos levou a estes resultados práticos, quase sem darmos por isso. Graças a Deus! Do nosso entendimento e união há-de resultar maior glória para Deus e maior bem para as almas.

Belém, pequenina e frágil como ainda é, muito devagar teria de andar sem a estreita colaboração da Obra da Rua! Porém, também a esta convém que ela avance para a maturidade com passos mais largos e firmes. Agora é Belém que recebe; mas um dia virá em que também a Obra da Rua lucrará em ter a seu lado uma obra feminina, vivendo no mesmo ideal e executando o mesmo espírito.

Há grandes projectos no ar, que Belém não poderá ficar por muito mais tempo assim tão pequenina. Qualquer dia eu porei os leitores ao corrente do que se passa. Mas podem todos desde já ficar sabendo que também serão chamados a colaborar.

Eu já disse aqui e volto a repetir que Belém há-de tornar-se uma grande obra na medida em que hão-de ter parte nela todos os corações capazes de a compreender e amar.

Inês—Belém—Viseu

Desejo que passem todos bem aí em casa e creio sempre na grande amizade do vosso grato e dedicado,

Américo de Aguiar



DMIRAVEL esta carta de Outubro de 1928! Ela nos faz regressar à primeira página desta epígrafe, que o zelo amigo do Senhor Cônego Eurico Nogueira nos proporcionou ao tornar conhecido o texto dos votos de pobreza e obediência do Américo — último passo antes do *passo* ritual, definitivo, do Subdiaconado.

Que grande amizade o unia a este Amigo, a ponto de quebrar, «só para si», aquele segredo, que o foi para a maioria, até depois da sua morte!

Que confiança na amizade correspondida, a ponto de não hesitar na revelação, prevendo, embora, que o Amigo ainda não seria capaz de a compreender! «... V. chamará talvez um gesto *out of date*», mas ele é «genuinamente *up to date*».

Que consciência tão certa (que conservou até ao fim!) da verdadeira origem das altíssimas decisões que tomava! «E a minha maior glória (...) é não ter nada de que me gloriar; pois tudo isto *reconheço, sinto, sei absolutamente* que são favores que Deus concede *gratuitamente* a este pobrezinho que nada, nada, nada merecia».

## Pelas Casas do Gaiato

MIRANDA

— Desta vez falo-vos das construções da casa; em primeiro lugar a piscina já está feita e como todos os leitores sabem, o banho é um divertimento da nossa casa. Acabou-se então a piscina com palanque, etc.

Ao domingo temos a nossa ginástica e depois estamos estafados; ora para essa estafadela não podia deixar de ser um banho para refrescar.

— Agora falo-vos da construção da nossa eira que já está em movimento. Começou-se pela casa da eira. Por cima vai ficar um espigueiro e ainda por cima um pombal.

— Não temos patins, nem botas; temos que dizer hoje em campo, porque a gente jogamos uns descalços, outros calçados.

De vez em quando vai uma sticada na canela dum, mas mesmo assim o desporto é tão favorito, que não o deixamos. Isso dos patins era caso dos Senhores resolverem.

Os stiques também nos faltam, mas isso qualquer pau ou tronço de couve já serve para praticar o nosso desporto.

Depois da ginástica jogamos sempre à bola. Agora como já se acabaram, já não temos bolas para os nossos recreios nem para os domingos. Porque nós somos tantos que qualquer pontapé mal dado elas vão cair nas árvores e aí se furam. Umas nas árvores, outras nas redes da baliza—porque são de arame.

João Fernandes



LGUÉM, ao tomar conhecimento deste movimento de Auto-Construção, fiel a teorias muito espalhadas e aliás bem sedutoras, à primeira vista dirá: Mais uma panaceia que nada vem resolver. O remédio é dar aos trabalhadores salários mais altos para que eles façam as suas casas quando quiserem e como muito bem entenderem. Isso, sim; o resto poeira ou coisa ainda pior. Muitas vezes há sinceridade nestas e noutras afirmações semelhantes, mas ainda há mais falta de experiência. Queríamos também que os salários fossem mais altos; melhor, queríamos, sobretudo, que fossem mais justos. Mas o dinheiro, por mais poderoso que pareça ser, nem sempre resolverá os problemas humanos. Há pessoas que, com mais dinheiro ficam menos homens. E isto também pode acontecer aos... trabalhadores. Antes não fosse assim. A matemática, os números têm valor, mas não são o único valor. Dizer que o problema da habitação se resolverá somente com salários mais altos é não ter lá muita experiência das coisas e dos homens. A quantos o dinheiro tornou mais pobres... A quantos... As teorias materialistas que estão no fundo destas mentalidades secam o coração humano e obscurecem por fim, a própria inteligência. Vejamos à nossa

roda. Observemos. Não vemos o que vale o dinheiro sem educação? Auto-Construção não pretende fazer grandes coisas. Muito longe de nós tal pensamento. Auto-Construção não pretende ter exclusivos de coisa alguma pois a experiência de alguns anos não lhe deixa alimentar ilusões. Pretende dar ao rapaz trabalhador uma melhor noção do tempo, mais responsabilidade perante o dinheiro e outra dignidade por si mesmo e pela família própria e alheia.

«É preciso haver quem o ajude moral, espiritual e materialmente numa tarefa com tanta disciplina, de tão útil alcance e tanto amor aos desprotegidos da sorte. Envio, neste correio cinco mil escudos para uma das maravilhosas vivendas. Depois, quando

houver oportunidade, irão mais dois mil e quinhentos escudos, juntamente com igual quantia de outra senhora que também compreende e reconhece essa admirável obra. Não quero o meu nome em Auto-Construção. Tudo quanto possa fazer cá na terra que Deus só o saiba no Céu. Apenas «de Vila da Rua». Mais nada. Que Deus lhe dê muitos anos de vida e muita paciência para poder levar a Cruz». A par muitas migalhinhas daqui e dali que juntas irão ajudar os quarenta e quatro Auto-Construtores que em diversas localidades e, em grupos, levantam as suas próprias moradias.

(Toda a correspondência para Auto-Construção— Aguiar da Beira)

Padre Fonseca

## A Festa em BRAGA

Sempre será, às 21,30 do próximo 16 de Junho.

A amizade dos bracarenses, manifestada muitas vezes, de muitos modos e, agora por muitos pedidos, (aliás nos anos anteriores assim aconteceu...), a disposição prática de alguns destes Amigos para tratar de tudo; as portas abertas com tanta simpatia pelo Teatro-Circo; a lembrança da recepção que em anos anteriores (em 1952 foi a última vez!) ali ofereceram aos nossos rapazes; o entusiasmo dos nossos vendedores em Braga: «Campanera» o empresário, «Zé Bolas» o orador da sessão—foram outras tantas amorosas pressões a romper o nosso desejo de ficarmos por aqui a respeito de Festas.

E não só isto. Outros estímulos nos impuseram o sim, quase em consciência.

Dois exemplos — Um sacerdote: «Vim com a alma cheia da Festa do Coliseu. Acima dos nossos mesquinhos sentimentos está a Caridade de Cristo. Esquecemo-nos disto tantas vezes!

Um grande abraço de obrigado pela lição do Coliseu».

— Uma assinante de Lisboa:

«Estive no Império como não podia deixar de ser. Cantar com os batatinhas, chorar com o Rev. P.e Baptista, recordar Pai Américo — tantos momentos de paz impossíveis de explicar. Apenas direi: OBRIGADA! e até ao ano!».

E que dizer dos bilhetes marcados para o próximo ano, no Espelho da Moda e por recado ao Júlio, uns dias depois da Festa no Coliseu?!

Eis porque estaremos em Braga, dia 16, às nove e meia da noite.

# ÁFRICA

Sai este jornal no *Dia da Raça*, quando a Família Portuguesa, dispersa por latitudes e longitudes, festeja a sua existência una de nação.

Seis dias mais e ocorre o aniversário da nossa partida para breve viagem por Angola e Moçambique, a qual, por breve, ainda se nos não apagou da memória.

Dois motivos de muito desigual valor, mas ambos fortes estímulos de meditação e de lembrança.

Um ano passou... e tantos acontecimentos, lógicos e m ente inesperáveis, se vão desenrolando!

Como os homens andam longe da Verdade! Que forças desencadeiam sobre o bem do conjunto, interesses particulares, interesses de grupo, possíveis pelo desamor dominante, que não será menos perigoso do que o ódio!

É o reinado da Incoerência, é um reinado de morte, porque o desamor é a negação da Vida, uma vez que a Vida se denomina Amor!

Precisávamos de convencer o mundo da verdade da nossa po-

sição em África; do bem resultante para ela própria da nossa permanência — diz-se... Eu duvido que valha a pena tentar convencer pela dialéctica. O grande argumento, o que há-de convencer e vencer, *pelo que é*, não *pelo que diz*, é a verdade da nossa posição. E por isso, tudo quanto conduza à revisão, à purificação desta verdade é o caminho inteligente, o que vale a pena seguir.

Há sempre um filão de bem a explorar nos males que a Providência permite, consequentes do mau-senso, ou da vontade fraca dos homens. O sofrimento é uma porta que se abre, convidativa a uma passagem de renêção.

Talvez há muitos anos, o *Dia da Raça* não tenha falado tão alto, tão expressivo, como hoje na alma dos Portugueses! Com certeza, o Portugal de além-mar não andaria tanto no nosso pensamento nem no nosso coração. Talvez nunca o tivéssemos visto nem amado com os olhos de unidade que a provação, hoje, nos dá.

É assim em nós mesmos. Jamais sentimos tanto o *nosso* de

um membro nosso como quando o bisturi do cirurgião corta... para salvar. Nesse dia o mal do membro afectado é o *nosso* mal. No dia bom, o seu bem não foi outra coisa do que préstimo instrumental, ao nosso serviço, talvez descrecionário!

Ora em nós tudo faz *um*. Nas sociedades, desde a Família às Nações, todos os membros fazem *uma* Família, *uma* Nação. À escala universal, todos os homens fazem a Espécie Humana, chamada a ser Família de Deus.

Tudo e sempre à semelhança d'Ele (pelo poder de Quem é tudo quanto é): o Pai, o Filho e o Espírito Santo são *um só Deus*.

Como seria o mundo se os homens se preocupassem em reproduzir do Modelo Divino, a estrutura das suas sociedades?

Mas não! Cada um procura pôr os seus interesses acima do Bem Comum. Esquece-se deste raciocínio simples: Se eu sou membro da comunidade, o meu bem há-de ser ramo do Bem Comum.

E assim se caminharia para a unificação dos problemas, para a sua simplificação ontológica. A dissecação é apenas um método de conhecimento, que não deve afectar a vida (Os médicos dissecam os cadáveres para conhecerem a anatomia dos vivos).

Dividir um problema é quase sempre contrapor problemas.

Este será um ponto da nossa revisão, da nossa purificação. O Ultramar não é para servir instrumentalmente a Metrópole, nem esta o Ultramar. Se todas as Províncias fazem a Pátria Portuguesa, o bem e o mal de qualquer delas é o bem e o mal da Pátria Portuguesa.

Isto que se sente (e porque se sente, se pensa e compreende) na hora de infortúnio, é a *posição verdadeira* dos dias maus e bons.

Quando há um ano passámos por Angola e Moçambique, percebi que havia problemas da mesma espécie cá e lá, vistos *em separado*, resolvidos *em separado*, em perigo grave (senão consumado) de serem resolvidos um contra o outro.

Não era uma visão nacional. Não era um só coração a pulsar igualmente por toda a Pátria Portuguesa. Não era a nossa *posição verdadeira*.

O bem dos africanos (O bem eterno, que engloba o temporal!) foi causa determinante da nossa partida à descoberta do século de 500. Ninguém melhor do que nós, tem *ideal* a respeito de África e dos africanos. Não valerá muito a pena gritá-la, esta verdade, que a não querem ouvir os apaixonados do efêmero, do seu interesse de hoje. Mais valerá vivê-la na maior pureza possível.

A dor converte a nossa inteligência e o nosso coração à Verdade.

Nesta perspectiva temos também de bendizer a provação que passa.

Visado pela Comissão de Censura



Ainda a visita que fizemos a Paço de Sousa. Para mim foi a quarta, mas a primeira depois que surgiu Belém. Porém, que diferentes da outra primeira as circunstâncias em que esta última se realizou!

Quando da outra, eu era uma desconhecida que caminhava para o desconhecido, em viagem solitária por caminhos que nunca trilhara.

Um dia chegara até mim uma pequena encomenda embrulhada num pedaço do *Famoso*. Eu ouvira já vagas referências à Obra do Padre Américo e por isso tive a curiosidade de lançar os olhos pelas linhas daquele pedaço amarrotado de jornal. Em curtos minutos a curiosidade mudara-se em interesse. Ora aqui está um problema que tanto me preocupa — disse comigo. E é assim mesmo que eu o vejo. Porém, nunca ouvi que alguém dele assim falasse com tal simplicidade e clareza!

Como daquele pedaço de jornal já não fazia parte o cabeçalho, procurei avidamente por aquelas linhas algo que me indicasse a quem e aonde devia dirigir-me, a pedir uma assinatura. Foi assim que eu me tornei sua leitora assídua, já lá vão tantos anos.

Desejando conhecer melhor a Obra da Rua no contacto directo com a aldeia dos rapazes e trocar impressões com Pai Américo sobre os problemas da rapariga abandonada, aproveitei umas férias e para lá me dirigi numa segunda feira de Carnaval. Tive pouca sorte porque Pai Américo não estava. Mas fui aproveitando o tempo de espera para visitar minuciosamente toda a aldeia.

Logo à entrada prendeu-me a atenção um grupo de pequenitos — *batatas* — que traziam lenha dum alpendre para um carrito de mão que depois era conduzido por outros maiores. Como não conhecia o regulamento da aldeia, logo ali cometi uma falta distribuindo por eles as tangerinas da minha merenda. Nisto chega o chefe, um rapazote dos sens treze anos, alto, magro e moreno e começa a ralar com eles! Era proibido aceitar fosse o que fosse! Fiquei aflita e pedi clemência para os petizes, que a culpada fôra eu. Impressionou-me o cuidado com que o chefe sopesava os braços de lenha, atendendo à idade e físico de cada um dos pequeninos trabalhadores.

Perguntei-lhe como se chamava.

— Sou o «Presidente» — respondeu.

(Que será feito agora do «Presidente»?)

Perguntei-lhe se gostava daquele encargo.

Ele olhou-me de frente e respondeu:

— A questão não está em gostar ou não gostar. Ora suponhamos que a Senhora era Professora (!!!) A sua obrigação era cuidar dos alunos, ensiná-los e educá-los. Nem que não gostasse tinha que cumprir. O mesmo acontece connosco. Quer goste ou não goste, este é o meu dever e tenho que cumprir. Mas... gosto dos miúdos! Às vezes custam a aturar, mas tem que haver paciência...

— Ora toma — disse para mim — aqui tens uma lição!

Mas naquela tarde de trabalho calmo, em que não vi mais qualquer visita nem leve sinal de folgedos carnavalescos, sôzinha como andava, confesso que não me sentia muito à vontade. Passando pela Casa-Mãe, aí me encontrei com a Senhora que ali estava naquela altura. Conversámos bastante e isso deu-me grande prazer, mas ela tinha os seus afazeres e eu vi que não devia tomar-lhe mais tempo. Lá continuei deambulando pelas ruas e casas da aldeia.

Estando a chegar a hora de tomar em Cete o último comboio que naquela tarde seguia para o Porto e perdida quase a esperança de naquele dia conhecer o grande educador daqueles rapazes, fui-me encaminhando para a porta. Parei junto do mesmo grupo de batatas, que continuavam no seu trabalho, para me despedir. Então o «Presidente» saiu-se com esta:

— A Snra. é teimosa, não arreda pé! Deve ser importante esse recado que traz pró Pai Américo... É seu ou de outra pessoa? O pior é se ele só vem de noite... E nós temos aí um cão muito bravo que não consente cá ninguém que não seja da Casa. O melhor é ir-se embora e vir cá noutro dia.

Foi nesta altura que surgiu Pai Américo. Estendeu-me os dedos da mão esquerda, que o braço direito andava imobilizado. Um chapéu, de aba caída, cinzento e bastante velho, dizia que para ele qualquer coisa servia.

Só pôde ser de um quarto de hora aquela conversa e nem sei como deu para eu perguntar e ele responder tanta coisa. Prático e delicado como era, logo que soube as horas a que eu teria de estar na estação, para aproveitarmos todo o tempo, prontamente voltou para trás e me foi acompanhar até à porta da aldeia. E, à despedida:

Continua na página 3



Só quem muito ama, terá o direito de ser de igual modo amado. O amor é o índice da caridade. Deus ao falar aos homens dizia: «Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos».

Isto vem a propósito de no sábado passado ter ido uma vez mais dar uma voltinha pelo Barredo, em visita a alguns dos muitos que por nós são socorridos periodicamente.

Foi a minha primeira visita, depois da partida do Fernando. Poucos eram os que me conheciam, pelo que tive a ocasião de os interrogar à minha maneira. Alguns ainda ignoravam o que se tinha passado, mas logo ficavam elucidados. As lágrimas vinham-lhes então aos olhos e mostravam-se deveras surpreendidos por tudo o que tinha sucedido. Muitos, para não dizer todos, prometiam não esquecer nas suas orações diárias, para que ele volte depressa, são e salvo, da missão a que foi chamado ao serviço da Pátria.

Aqui e ali, onde eu transmitia a notícia, ouvia sempre esta frase: «ele era tão nosso amigo!». E as lágrimas inundavam de novo as faces, visivelmente entristecidas.

Oh! como é bom presenciar estas enternecedoras cenas, que nos dão alento e nos mostram o reconhecimento elevado pelos pe-

queninos benefícios que recebem da nossa parte.

Digo «pequeninos» porque na realidade o são, pois as nossas possibilidades são muito reduzidas e por isso não nos podemos alargar muito.

É claro que nós não vamos só levar-lhes o nosso pequeno sacrifício material, pois se assim procedéssemos, a nossa acção não teria valor algum e até poderia chegar ao ponto de ser prejudicial. A nossa missão é sobretudo mostrar-lhes a luz que o Redentor veio trazer e que o homem rejeitou, comutando-a com os prazeres do mundo. Toda ela é espiritual, mas já Pai Américo quando falava aos nossos vicentinos dizia: «não preguéis nunca a estômagos vazios» e por isso temos de seguir os seus conselhos, pelo que temos sempre de lhes levar mais alguma coisa.

Presados leitores, como acabei de confessar, os nossos recursos são pequenos e por isso imploro uma vez mais para a vossa costumada boa atenção. Visitamos muitos, mas se as nossas possibilidades o permitissem, poderíamos incluir mais alguns, na lista dos que presentemente socorremos. Façamos pois um pouquinho de sacrifício a favor dos rejeitados.

Sacrifício é renúncia e, por isso, amados leitores, vamos tirar um pouquinho às nossas extravagâncias quotidianas, em auxílio daqueles que menos têm.

Alberto de Almeida

